

UMA CASA DOS TEMPOS COLONIAIS

Moacyr Freitas

Lar é o lugar de onde se tira toda alegria. A ele se dá tudo que possui. É nele que se fixa toda felicidade.

Nos tempos mais remotos, o homem buscava um abrigo para viver com sua família, em defesa das forças adversas da Natureza - animais bravios, clima, insetos... Muita luta e sofrimento para ver-se livre de tudo que o incomodava na face da Terra.

Os humanos não nasceram para viver isolados, refugiando-se em árvores e furnas ou cavernas encontradas por aí, como nos ensina a história. Tinham necessidade de construir suas habitações e saber defender-se de seus opressores. E conseguiram as primeiras armas de ataque para abaterem seus agressores e, com a inteligência que o Criador lhes deu, produziram instrumentos com os quais trabalharam a madeira e assim construíram suas palafitas, para melhor proteger sua própria espécie. Foram suas primeiras obras, erguidas com as próprias mãos.

A necessidade de morar, aliada às determinadas condições da natureza e da sociedade, determinou o aparecimento da construção.

Tudo começou porque a natureza não possuía grande quantidade de cavernas, e as árvores não correspondiam às necessidades humanas e às condições de clima. Surgiu assim a obrigação de construir abrigos. Vieram as palhoças, as cabanas, as ocas e os dolmens.

O desenvolvimento progressivo dos grupos humanos baseado na invenção de novos instrumentos e em métodos de produção (arco e flecha, caça e pesca), ao possibilitar o aumento numérico de pessoas no grupo, que exigia maiores deslocamentos sobre os territórios por eles habitados, colocou na ordem do dia a questão do abrigo.

Porém, a Arquitetura, a organização do espaço íntimo concebido como um todo orgânico e funcional, não nasceu com a construção desses abrigos. Estes não apresentavam as qualidades mínimas que caracterizassem obras de Arquitetura. Do aparecimento da construção dos abrigos ao nascimento da Arquitetura, passaram milhares de anos. O homem precisou passar do estado de Selvageria para o de Barbárie, para lançar as bases da Arquitetura.

Isso aconteceu quando a sociedade humana, superando a economia baseada na caça e pesca, ultrapassando a economia que se apóia no pastoreio e na criação de gado, havia atingido ao alto nível de economia que tem por base a Agricultura.

Com a cultura de cereais, iniciou-se o processo de fixação do homem à terra.

¹Arquiteto, professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Foi um processo muito lento, que atravessou diversas fases de adaptação. Houve muitos desentendimentos e muitas lutas entre diversos grupos sociais, por causa do meio onde viviam.

Pôde transformar suas habitações num processo muito lento, baseado no aperfeiçoamento dos métodos e instrumentos de construção e desenvolvimento do conhecimento relativo à técnica oleira. E a argila prestava-se bem para revestir as estruturas de madeira já conhecidas.

Embora alcançando um alto nível de cultura e desenvolvimento de maneira notável da técnica de construção, a sociedade ainda não sentia a necessidade e nem dispunha de meios para criar a Arquitetura. Ainda não se conhecia o processo de fundição dos minérios de ferro.

A fundição do ferro, que veio depois, constituiu um fator revolucionário. Mas, o fator decisivo para esta revolução foi o assentamento da economia social sobre a base da combinação da criação de gado com a cultura de cereais. Outros aperfeiçoamentos, como atrelar animais ao arado de ferro e a descoberta das propriedades fertilizantes do esterco, ampliavam as áreas cultivadas e venciam o perigo do esgotamento da fertilidade do solo. E os homens puderam criar a Agricultura.

À medida que se fixava a terra, que adotava o sedentarismo, o homem percebia, naturalmente, a fragilidade das suas habitações de madeira e barro, construídas para resistir durante poucas safras. Assim, o novo problema era durabilidade dos seus abrigos; e os antigos materiais e a velha técnica tornavam-se obsoletos.

Abriu-se um longo período de investigação forçada de novos materiais, novas técnicas de trabalho e novos métodos de construção. Foram muitos séculos, provando centenas de modos de empilhar e ajustar pedras, de trabalhar e ligar madeiras, de fabricar e assentar adobes e tijolos.

Mesmo com aperfeiçoados conhecimentos de trabalhar com ferros e outros materiais, ou mesmos os métodos adiantados da mão-de-obra, não foram suficientes para determinar o aparecimento da Arquitetura.

A Agricultura significou um grande salto no desenvolvimento cultural da humanidade, a verdadeira base sobre a qual ela construiu a Civilização. Ao fertilizar a terra e lançar-lhe sementes, o homem toma em suas mãos as rédeas da Natureza e se afirma como seu senhor.

Esta confiança adquirida gradativamente e o orgulho do dominador, ambos alimentados na riqueza crescente do grupo social que também cresce e se desenvolve, vão constituir os sentimentos básicos que o homem necessita para expressar-se em suas manifestações artísticas. Vem daí o agradecimento a Deus os seus bons desígnios. Na antiguidade, seriam aos deuses; honrar também os antepassados que assentaram as bases da riqueza social; adorar a semente, o animal de tração, o metal, o sol e a chuva, o rio que fertiliza.

Entretanto, a Arquitetura só pôde surgir quando, ao lado dessa necessidade de expressão, a sociedade dispor de excedentes consideráveis de riqueza; isto é, quando pode afastar da produção direta uma parcela da sua força de trabalho para ser aplicada em uma construção com valores inúteis do ponto de vista utilitário ou prático.

É neste período de desenvolvimento cultural que se define e consolida a propriedade privada sobre os meios de produção; isto é, a divisão da sociedade em classes. Os excedentes aparecem nessas classes que são chamadas de dominantes, os ricos. Nestas condições, uma sociedade pode criar a Arquitetura, porque esta pode revelar-se como arte de afirmação humana, como meio do homem expressar sua própria grandeza ou seu orgulhoso agradecimento a Deus ou aos deuses, como foi na antiguidade.

A história mostra que a construção de abrigos precedeu à Arquitetura em milhares de anos. A Arquitetura, então, começa quando a sociedade atinge um certo nível de economia e determinado estágio de desenvolvimento geral da cultura. A par da existência de excedentes de riquezas, manifesta-se a aspiração e a necessidade de fazer do abrigo algo mais significativo do que um simples objeto de uso.

Vimos como a Arquitetura se valoriza e começa a existir como arte e também como técnica aplicada. É assim que a Arquitetura residencial vem predominar, assumida pela burguesia; e no século XX, ela atinge sua supremacia.

Todos estes lances históricos vêm preambular a posição no tempo a estimada Casa Barão de Melgaço, quando ela fora construída. Sabemos que sua construção se deu no rincão do Oeste Mato-grossense no século XVIII. Reconhecemos a rua onde fora construída, ainda no seu início, na Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

A vila ainda dispersa, sabemos pela história, rodeava em torno da igreja matriz, do palácio do governo e espichava-se ao longo dos caminhos naturais transformados em ruas. Eram caminhos de saída e chegada a lugares quase obrigatórios; uns longos, outros curtos, diretos e bifurcados; multiplicavam-se em paralelas interligadas de becos e travessas. Seu centro cívico, enobrecido pela Casa da Câmara e Cadeia, polarizada pelo Pelourinho, mostrava a aparência administrativa dos tempos coloniais.

Mato Grosso era uma Capitania do Brasil Colônia de Portugal, governada pelo Capitão General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

Reconhecemos a rua onde fora construída a casa em plantas da vila num livro sobre o Brasil com informações de Portugal. Lá estava a projeção dela na planta de 1777 entre poucas outras, dando início à Rua do Campo do Ourique, conhecida então como rua Nova. Porém, em outra planta de 1775, nenhuma casa aparece ali, revelando-nos que ela fora construída após o ano de 1775 e antes de 1777.

Nesse começo de rua, ao lado de um córrego que corria na Travessa do Roriz, mostrado na planta, foi levantada a obra residencial, que hoje é a Casa Barão de

Melgaço. Como as demais ruas da vila, também esta distinguia-se por grandes áreas, que aos poucos iam sendo fechadas com muros longos de terra socada pelos rudes pés dos escravos dos senhores abastados.

Naturalmente, seu primeiro proprietário acreditava no lugar e progredia com ele; confiava no futuro da vila cuiabana. Aplicava ali seus recursos excedentes. Certamente, já se sentia elevado à classe dos senhores dominantes.

Nesse ambiente havia algo mais do que um conjunto de materiais formando um lugar propício à vida, livre das incertezas do nomadismo do passado. Nela, seus moradores sentiram a satisfação de grandeza; do feliz convívio do lar. E aquele conjunto de fatores determinantes de uma série de obrigações que vão adquirindo em benefício da implantação de uma norma de conduta vai concretizando essa felicidade.

É uma casa senhorial. É dela que seu primeiro dono vai retirar sua alegria. É um lar, onde fixou sua própria felicidade e da sua família. Imaginemos assim a vida na Casa Barão de Melgaço, naqueles primeiros tempos de sua existência.

Aquela construção obedecera à mais requintada técnica que se conhecia, trazida pelos habitantes portugueses ou descendentes dos bandeirantes paulistas. Posta tangente à rua, não podia prescindir do pátio interno. Pátios também de tradição universal da Arquitetura traduzidos no *impluvium* grego, nos *claustrós* romanos, ou nas realizações mouriscas que, mais próximas, nos influenciaram mais profundamente. O pátio aqui, configurado por planta em U, vem ventilar os cômodos do interior da casa, amenizando o calor tropical e proporcionando espaço aberto, mas privativo, necessário ao recreio das donzelas e crianças em recesso adequado com a discrição e o ciúme da época.

A casa situada com o córrego a sua esquerda, hoje, Rua Voluntários da Pátria, dobrava em esquina, direcionando seu amplo quintal arborizado à montante, indo desenhar um retângulo, voltando a fechá-lo na frente, na direção da fachada principal, deixando a abertura de um amplo portão.

Seus cômodos diferenciam-se, atendendo à especialização de funções. Aparece o saguão de entrada, o quarto de hóspedes, a grande varanda, a sala de refeições, as varandas traseiras de serviço; e os grandes armários de suprimento da cozinha configurariam as despensas. As portas e janelas, primitivamente, tiveram suas folhas feitas com frisos e travessas girando dentro de grossas molduras de madeira lavrada e pesada encimada por pranchões que sustentam as paredes grossas. Alteia-se o pé direito, que atinge quatro metros ou mais. Armam-se beirais sobre consolos (cachorros de madeira) recortados em grandes balanços. Suas paredes grossas e resistentes foram feitas somente de barro socado a pilão ou com os pés entre formas de madeira, os taipais, misturado com esterco de curral, fibras vegetais (capim) ou cascalho miúdo, a taipa de pilão, que tivera grande aceitação entre os paulistas e portugueses povoadores da vila. Sistema originado talvez do Oriente Próximo, divulgado pelos mouros.

Também do barro moldaram os adobes, com os quais construíram as paredes mais finas.

Na fachada, a porta principal e as janelas acompanhavam o modelo daquele tempo: folhas montadas com frisos e travessas girando em dobradiças de ferro forjado. Certamente, fechadas por ferrolhos e tranquetas feitas do mesmo modo, ou por trancas de madeira forte. As janelas foram de rótulas, as mais comuns na Vila Real.

Em 1827, Hércules Florence, segundo desenhista da Expedição Langsdorff, que esteve em Cuiabá, mencionou em seu relato de viagem que havia na vila uma única casa com janelas envidraçadas. Era o Palácio do Governo (o anterior ao antigo Palácio Alencastro), as restantes obedeciam ao estilo colonial, com rótulas e beirais avançados.

O revestimento das paredes foi de cal e areia reforçado com esterco de curral. Houve caiações que ofereceram a elas a limpeza que a tradição portuguesa recomendava.

A cobertura foi de telhas de barro queimado em olarias rústicas dos arredores da vila, onde havia argila em abundância. Suas tesouras, o encaibramento e outras peças estruturais, como os esteios, deram-lhe a longa vida prevista.

O piso da casa recebera revestimento com tijolos queimados, provavelmente porque não havia outro melhor, depois substituídos pelo ladrilho hidráulico, o mosaico.

A casa senhorial, assim situada na Rua do Campo do Ourique, não escapou àqueles meios que os construtores tinham para edificar as habitações do tempo colonial. Para supri-la de água, ainda que edificada ao lado de um riacho, podemos afirmar que ela possuía seu algibe privativo. Isso porque na residência existente próxima dela, nessa mesma rua, observada sua projeção na planta da vila de 1777, hoje da família Figueiredo (Dona Bem Bem), possuía até recentemente seu poço de dimensões avantajadas, revestido com pedra canga.

A Casa Barão de Melgaço, que fora habitada por diferentes famílias sucessoras até chegar àquela do ilustre bretão cuiabanizado Augusto Leverger, não mostra mais as partes complementares que lhe davam a funcionalidade de uma residência senhorial. Obviamente, desnecessária seria uma justificativa, dado seu novo e nobre uso, restando-nos apenas observar as partes que não foram sacrificadas e imaginá-las completas no passado, no tempo da capitania, e depois, na província, utilizadas pelos familiares de então com o vaivém de sua criadagem, nos afazeres domésticos.

A aparência atual da fachada da Casa Barão de Melgaço mostra a conseqüência de um modismo europeu que no século XIX chegou desprezando as fachadas coloniais. A Arquitetura usada em Cuiabá, ainda no século XVIII, demonstrava uma incerteza proveniente de influências que de alguma forma recebia da Europa. A simplicidade das antigas construções fora recebendo as modificações que vinham

descaracterizar o seu velho estilo. Isso aconteceu também com a casa em questão, cujo proprietário transformou-a na aparência atual. Vários outros prédios de aparência colonial receberam aquelas modificações, retirando o seu beiral avançado, trocando-o por platibanda com calhas e condutores de Flandes. Também, portas e janelas foram mudadas, ganhando vidraças em guilhotinas, com retirada ou não de suas rótulas. Contudo, a Casa Barão de Melgaço não adotou a guilhotina e hoje a vemos com as janelas de abundantes venezianas e porta almofadada. A influência greco-romana não foi fielmente adaptada a sua fachada. Nenhuma ordem clássica aparece, apenas traçados geométricos dão composição a ela.

A atual restauração manteve a aparência do prédio, reforçando sua estrutura, avivando seu histórico espaço. Buscou devolver a ele seu estado mais recente de convivência, que o destino reservou às duas distintas instituições: O Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-Grossense de Letras. Como dissera o professor e acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes:

[...] nesse monumento histórico e cultural, a Casa Barão de Melgaço, em cujo recinto engrinaldado, tal um “Panteão” das glórias passadas refulgem as efigies dos varões ilustres, que elevaram Mato Grosso pela dignidade e pelo saber, legando aos que surgem na seqüência ininterrupta da vida, exemplos de fé e de crença nos superiores destinos do abençoado torrão cuiabano (MENDES, Francisco Alexandre Ferreira - Lendas e Tradições Cuiabanas, p. 72).

Era necessária essa recuperação. Estava o prédio enfraquecido, sofrendo o peso dos anos de sua existência. Heroicamente, ainda agüentava, oferecendo seu espaço aos admiradores que buscavam conhecimentos e lembranças dos guardiões desse “Panteão” de glórias, nas palavras do saudoso professor Ferreira Mendes, um deles. Foi ele um dos mais ilustres membros das instituições que a Casa Barão de Melgaço acolhera.

Em feliz momento, as autoridades governamentais atenderam ao apelo dos devotados dirigentes das instituições abrigadas na casa, seus laboriosos presidentes.

Todos agradecem essas atitudes e felizes celebram o retorno à casa histórica. Certamente, será ininterrupta e crescente a felicidade das duas guardiãs: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-Grossense de Letras.